

História Moderna I

**Andreza Santos Cruz Maynard
Dilton Cândido Santos Maynard**



**São Cristóvão/SE
2009**

História Moderna I

Elaboração de Conteúdo

Andreza Santos Cruz Maynard

Dilton Cândido Santos Maynard

Projeto Gráfico e Capa

Hermeson Alves de Menezes

Diagramação

Neverton Correia da Silva

Copyright © 2009, Universidade Federal de Sergipe / CESAD.
Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização por escrito da UFS.

FICHA CATALOGRÁFICA PRODUZIDA PELA **BIBLIOTECA CENTRAL** **UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

M471h Maynard, Andreza Santos Cruz.
História moderna I / Andreza Santos Cruz Maynard, Dilton
Cândido Santos Maynard -- São Cristóvão: Universidade Federal
de Sergipe, CESAD, 2009.

1. História. I. Maynard, Dilton Cândido Santos. II. Título.

CDU 94

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Educação
Fernando Haddad

Secretário de Educação a Distância
Carlos Eduardo Bielschowsky

Reitor
Josué Modesto dos Passos Subrinho

Vice-Reitor
Angelo Roberto Antonioli

Chefe de Gabinete
Ednalva Freire Caetano

Coordenador Geral da UAB/UFS
Diretor do CESAD
Antônio Ponciano Bezerra

Vice-coordenador da UAB/UFS
Vice-diretor do CESAD
Fábio Alves dos Santos

**Coordenador do Curso de Licenciatura
em História**
Lourival Santana Santos

Diretoria Pedagógica

Clotildes Farias (Diretora)
Rosemeire Marcedo Costa
Amanda Maíra Steinbach
Ana Patrícia Melo de Almeida Souza
Daniela Sousa Santos
Hérica dos Santos Mota
Janaina de Oliveira Freitas

Diretoria Administrativa e Financeira

Edélzio Alves Costa Júnior (Diretor)
Sylvia Helena de Almeida Soares
Valter Siqueira Alves

Núcleo de Tutoria

Janaina Couvo
Priscilla da Silva Goes (Coordenadora
de Tutores do curso de História)

Núcleo de Avaliação

Guilhermina Ramos
Elizabete Santos

Núcleo de Serviços Gráficos e Audiovisuais

Giselda Barros

Núcleo de Tecnologia da Informação

Fábio Alves (Coordenador)
João Eduardo Batista de Deus Anselmo
Marcel da Conceição Souza
Michele Magalhães de Menezes

Assessoria de Comunicação

Guilherme Borba Gouy
Pedro Ivo Pinto Nabuco Faro

NÚCLEO DE MATERIAL DIDÁTICO

Hermeson Menezes (Coordenador)
Jean Fábio B. Cerqueira (Coordenador)
Baruch Blumberg Carvalho de Matos
Christianne de Menezes Gally
Edvar Freire Caetano
Gerri Sherlock Araújo

Isabela Pinheiro Ewerton
Jéssica Gonçalves de Andrade
Lucílio do Nascimento Freitas
Neverton Correia da Silva
Nycolas Menezes Melo
Péricles Morais de Andrade Júnior

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Cidade Universitária Prof. "José Aloísio de Campos"
Av. Marechal Rondon, s/n - Jardim Rosa Elze
CEP 49100-000 - São Cristóvão - SE
Fone(79) 2105 - 6600 - Fax(79) 2105- 6474

Sumário

AULA 1

Essa tal Idade Moderna: transição para novos tempos,
novos mundos.....07

AULA 2

Guerras, peste e fome: a formação do sistema econômico
comercial 15

AULA 3

Navegar é preciso: a expansão ultramarina europeia e a
edenização do Novo Mundo..... 25

AULA 4

O Renascimento..... 35

AULA 5

A Igreja em transformação: a Reforma Protestante 47

AULA 6

A Contra-Reforma..... 57

AULA 7

Cultos populares, Sabás e perseguições 67

AULA 8

O Absolutismo 75

AULA 9

As Revoluções Inglesas: a Revolução Gloriosa e o fim do
absolutismo inglês 85

AULA 10

O Iluminismo..... 93

ESSA TAL IDADE MODERNA: TRANSIÇÃO PARA NOVOS TEMPOS, NOVOS MUNDOS

META

Apresentar aspectos da disciplina História Moderna 1, ressaltando os principais problemas a serem abordados por ela.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

identificar os principais traços que caracterizam o período entre os séculos XV e XVIII denominado como Idade Moderna;

apreender a importância desse momento da vida Ocidental, considerando os valores e propostas surgidas no período;

reconhecer a Idade Moderna como um período de transição.

PRÉ-REQUISITOS

Leituras sobre a crise do Medievo. Noções de História Econômica.



Os marcos históricos eleitos para demarcar o início da Idade Moderna variam. A figura 1 representa Maomé II, sultão do Império Otomano, entrando em Constantinopla com seu exército, em 1453; a imagem 2 mostra um exemplar da Bíblia de Guttenberg, o primeiro livro impresso por Johannes Gutenberg. O processo de impressão dessa Bíblia se iniciou por volta de 1450, terminando em 1455, e marcou o início da produção em massa de livros no Ocidente; a figura 3 representa a partida da frota comandada por Cristóvão Colombo do porto de Palos, na Espanha, em 3 de agosto de 1492. Essa viagem culminou com o descobrimento da América, em 12 de outubro de 1492. (Fonte: 1, 2 e 3 - <http://upload.wikimedia.org>)

INTRODUÇÃO

Transição. Parece ser esta a melhor palavra a ser utilizada quando queremos caracterizar a Idade Moderna. De certo modo, é como a pintura de um quadro ou mesmo de uma casa. Para atingir determinada tonalidade, o pintor utiliza combinações de cores, coloca um tom sobre o outro, até chegar ao que idealizou. Pois bem. Neste livro, falaremos de um tempo em que não se enxerga mais o antigo, mas ainda não se vislumbrou nitidamente o novo.

Começamos, portanto, afirmando que a Idade Moderna foi um período de transições. No intervalo que se estende entre os séculos XV e XVIII, mudanças varreram o mundo. Na região hoje conhecida como Europa, os homens experimentaram inovações que iam do jeito de navegar à composição dos cardápios, e aos modos à mesa. A partir destes novos tempos insistia-se, por exemplo, para que, durante as refeições, as pessoas não ficassem a balançar sobre as cadeiras, pois “tal atitude sugere o trejeito de que está para liberar gases do tubo digestivo ou, pelo menos se esforça para tanto”, ensina **Erasmus de Rotterdam** (ROTTERDAM, s/d, p.140). Mudou também o jeito de governar e as formas de lidar com o sobrenatural. Indubitavelmente um mundo novo se abriu.



Erasmus de Rotterdam

Nasceu em Rotterdam, nos Países Baixos, em 1467, e faleceu na Basileia, na Suíça, em 1536. Estudou teologia em Paris e foi um influente pensador humanista. Suas críticas à postura da Igreja são vistas como uma antecipação da Reforma Protestante. Sua obra mais conhecida é *O Elogio da Loucura* (1509).

Se o medievo foi um tempo para muitos marcado por uma quase imobilidade, não é correto dizer o mesmo do mundo a partir do século XV. Daí em diante a Terra tornou-se maior e, paradoxalmente, menor. Expandiu-se, pois os mapas tiveram que ser redesenhados para abrigar um novo continente, um novo oceano. Ao mesmo tempo, as distâncias encurtaram. Novos tipos de embarcações transformaram vidas, circundaram a África, facilitaram compromissos, guerras, festas e negócios. Alimentos desconhecidos chegavam às mesas de italianos, espanhóis e franceses ao mesmo tempo em que nativos americanos experimentavam doenças e uma mortandade inéditas. Claro, as enfermidades não ficaram restritas a um só grupo. Os europeus não transportaram apenas ouro e prata do Novo Mundo. Levaram daqui também alguns males.

Mas como caracterizar a Idade Moderna? Eis uma das maiores dificuldades para quem se dedica ao estudo do período. Não se trata apenas de periodizar. Para alguns autores, o tal “mundo moderno” – o período que vai da crise da sociedade feudal europeia no século XIV até as revoluções democrático-burguesas, no século XVIII – pode ser visto como algo que “se reveste de uma série de especificidades que podem, em linhas gerais, ser analisadas, tomando-se como referência a percepção que alguns tiveram de que estavam vivendo um novo tempo” (FALCON, 2000, p.9). Determinemos, ainda que provisoriamente, duas coordenadas fundamentais para o ofício do historiador. O tempo e o espaço. O primeiro, no caso aqui estudado, abrange o século XV e se alarga até aproximadamente o alvorecer do século XVIII. O espaço, sem dúvida, é a Europa Ocidental.

Afinal de contas, o período acima delimitado corresponde ao tempo em que os europeus avançaram sobre os mares, descobriram as belezas e agruras do Atlântico e, em pouco tempo, tornaram-se senhores de parte considerável do mundo. Nesta época, a Europa espalha sua influência, vê crescer seu poder.

Se você pretende ter uma ideia de como homens e mulheres vivenciaram este período, talvez a melhor opção fosse dar atenção às “vozes” da época. Claro, não espere que os relatos e imagens obtidas sejam fidedignos. Afinal de contas, a realidade não é algo assim tão fácil de fixar nas páginas dos livros ou reter nas tintas e pincéis. Todavia, não é incorreto dizer que, em textos, mapas e pinturas do período, é possível perceber traços do cotidiano, da economia, da religião, da política. As fontes históricas, se corretamente questionadas, sempre têm algo a nos dizer.



Mapa do mundo em 1722.

(Fonte: <http://ceneviva.ricardowerneck.googlepages.com>).

UMA PERIODIZAÇÃO QUE VARIA

A Idade Moderna foi, sim, um período de transição. Como explica Francisco José Calazans Falcon –, “são mudanças ocorridas, em ritmos e intensidades diversos, conforme a sociedade, que formam o núcleo básico dessa transição” (FALCON, 2000, p.12). Trata-se de um tempo com novas visões de mundo, formas de pensamento inovadoras. E as opções para demarcar este período, se consultarmos a bibliografia sobre o tema, são diversas. O marco mais comum é a tomada de Constantinopla pelos turcos, em 1453. Mas é possível considerar outros acontecimentos, como a invenção da imprensa através de caracteres móveis por Johann Gutenberg, talvez por



Nicolau Copérnico

Nasceu em Torún, Polônia, em 1473, e faleceu em Frauenburgo, no mesmo país, em 1543. Defendeu a teoria do heliocentrismo e, com ela, fundou a astronomia moderna.



William Shakespeare

Inglês, (1554-1616) considerado por muitos o maior dramaturgo que já existiu. Entre as suas obras mais conhecidas estão: Hamlet, Macbeth, Otelo e Romeu e Julieta.

volta de 1442, ou a chegada de Cristovão Colombo à América (1492). Independentemente deste ponto inicial, o importante é reconhecer que entre os séculos XV e XVI ocorreram transformações cruciais que “atingiram praticamente todos os níveis da existência social dos povos europeus em geral e, em especial, os habitantes das regiões centro-ocidentais da Europa” (FALCON, 2000, p.23). Além disto, poderíamos olhar para os céus e escolher mais outro ponto de partida. Ao publicar *Sobre a revolução das esferas celestes*, em 1543, o astrônomo polonês **Nicolau Copérnico** (1473-1543), ajudou a transformar a concepção do universo.

É um tempo marcado ainda pela passagem da transcendência à imanência, no qual se promove o surgimento de uma nova concepção no estabelecimento da verdade, dona de linguagem própria e leis, e não mais apenas a versão revelada e eclesiástica.

Nesta inquieta maré de mudanças, ganha força a secularização. Em diversos campos do saber, observa-se a diminuição das sombras da Metafísica e da Teologia, campos dominantes e centralizadores até então. Lentamente, em certos casos de modo bastante discreto, avança uma nova concepção terrena e humana de mundo. A verdade, agora, pode e deve ser atingida principalmente através do uso da razão. Como dirá um personagem de **William Shakespeare** (1554-1616), “a causa é escrava de memória, violenta ao nascer e provisória” (SHAKESPEARE, 2000, p.98). Ou seja, os motivos, os sinais, as comparações, as novas rotas comerciais, os novos modos de se portar socialmente... Tudo isto se desenha na ampla tela em que se pinta a Idade Moderna. Mas tudo pode ser também provisório, alterado pelas metamorfoses contínuas que os novos tempos trazem. E tais mudanças arquitetam uma espécie de bifurcação ideológica. De um lado, a religião; do outro, as luzes (pensemos no ápice que será o século XVIII).

Aqui, neste imenso terreno do tempo que abarca a transição feudalismo/capitalismo, a verdade estará ao alcance do homem, e não mais será algo reservado a uns poucos clérigos. Mas vamos com calma. O sentimento religioso, o misticismo, o irracional não desaparecem. Aliás, convivemos com tudo isto hoje em dia. Homens, mulheres e crianças ainda morrem por intolerância religiosa mundo afora. A diferença, possível de se perceber já no nascer desta tal Idade Moderna, está no fato de que nela a religião não é mais a única instância de explicações. Outros campos, como a economia e a política, apresentam transformações graduais, mas significativas.

Reforcemos: as coisas ocorrem de maneira lenta. E assim, aos poucos, “nas sociedades ocidentais, foi havendo uma tomada de consciência quanto à modernidade nascente, em cujo seio já se vislumbra, indecisa, a teoria do progresso” (FALCON, 2000, p.11). O resultado deste conjunto de transformações é a formação de uma sociedade moderna e distinta daquelas que lhe haviam precedido.

Talvez uma coisa valiosa a ser dita inicialmente é que modernidade e Idade Moderna não são a mesma coisa. É da visão desta nova sensibilidade, desta conscientização, deste novo espírito chamado modernidade, que se desprende a concepção da História Moderna como uma época dessemelhante.

Nesta obra falaremos, como se pode perceber, basicamente da Europa Ocidental. É ali que as mudanças cruciais acontecem. **H.R. Trevor-Roper**, ao proceder uma caracterização da Europa Moderna, nos apresenta a ideia de modernidade como uma continuidade com cortes. Conforme Trevor-Roper, o período 1500-1800 é marcado pelo progresso. Tempo iniciado pelo Renascimento e encerrado pelo Iluminismo, sendo este uma derivação do primeiro. Os dois processos possuem, portanto, vínculos essenciais. Mas trata-se de um progresso irregular, muito pouco suave: “há períodos de acentuada regressão, e quando o progresso geral recomeça após essa regressão, não se retoma necessariamente nas mesmas áreas” (Trevor-Roper Apud BERUTTI, FARIA, MARQUES, 2003, p.10).

Segundo afirma Colin McEvedy, “certamente cada século teve suas recessões e colapsos, e algumas vezes numa dada área – a Itália e a Espanha são exemplos disso – pode ter retrocedido durante longo período”. Entretanto, se consideramos a Europa como um todo ou o norte da Europa em particular, “a prosperidade, a instrução e o conhecimento aumentaram século após século no nosso período” (McEVEDY, 2007, p.8).

Ora, a Idade Moderna experimenta diversas fases. O mundo europeu saído das crises que atingem países como Inglaterra, França no final do século XV é também a Europa Ocidental que vê nascer o século XVI experimentou um progresso quase geral, época de uma expansão quase universal. Porém, já no século XVII observa-se uma crise profunda, um problema que atinge de maneiras diferentes a maior parte da Europa.

Podemos dizer que entre 1500 e 1620, aproximadamente, o continente europeu vivenciou a Idade da Renascença. Nestes tempos, a liderança econômica provinha do Sul da Itália e Espanha. Uma liderança também intelectual. O italiano era um idioma a ser aprendido e as cidades italianas eram referências fundamentais nos negócios do mundo conhecido. Aliás, a Idade Moderna é marcada por cidades que se alternam como centrais: Gênova, Veneza, Florença, Roma, Lisboa, Madrid, Londres e Paris ditam economia, produzem novos

H.R. Trevor-Roper

Historiador britânico (1914-2003) que se dedicou a estudar a Idade Moderna na Inglaterra e o nazismo alemão.



Orbis Universalis, de 1512. Mapa do veneziano Jerônimo Marini. Provavelmente esta é a primeira carta geográfica a localizar o Brasil (antes Vera Cruz, Santa Cruz, dos papagaios ou mesmo “del brazille”). Influenciado pelos árabes, o autor o construiu com orientação para o Sul.

(Fonte: <http://www.novomilenio.inf.br>).

saberes, estabelecem doutrinas religiosas, disputam o status de do mundo .

Por sua vez, o período que vai de 1620 a 1660 envolveu revoluções. Principalmente na Inglaterra, ocorrem transformações cruciais. A monarquia é controlada, enquanto o Parlamento e a burguesia ampliam seus poderes.

Finalmente, entre 1660 e 1800, o Velho Mundo conheceu os tempos do Iluminismo. Graças a isto, a liderança intelectual passa à França, Inglaterra e Holanda. Regiões mediterrâneas se viram para o norte em busca de ideias.

Transição para novos mundos, novos tempos. Entre os século XV e XVIII, a Europa mudou. Aos poucos, os muitos espaços dominados por senhores feudais deram lugar a territórios organizados sob o controle de um Estado, de um corpo de leis e de um exército feitos para servir a um rei. Algumas das diversas mudanças ocorridas nestes dias serão estudadas mais adiante.

CONCLUSÃO

O curso de História Moderna I, razão do conjunto de aulas que será apresentado neste livro, tem como alvo reflexões sobre as transformações experimentadas pela Europa entre meados do século XIV e o século XVIII. O objetivo é apresentar de maneira sumária as alterações na visão de mundo, na geografia, na política e na economia, de forma a ressaltar este período como um momento de transição acentuada, marcado pela emergência de Estados organizados, pela diminuição do poder da Igreja e pela ascensão do individualismo e da razão como aspectos centrais da vida em sociedade.



RESUMO

A Idade Moderna compreende um período de mudanças ocorridas entre os séculos XV e XVIII. As transformações ocorrem, por exemplo, na geografia, com a descoberta de novas terras e mares, na política, com o fortalecimento do poder real, na religião, com a Reforma Protestante, assim como nas artes, com o Renascimento. Tais mudanças, por suas particularidades, estabelecem esta mesma época como um tempo de transições, pois as concepções típicas do medievo ainda não estão plenamente superadas, mas também não são mais hegemônicas. Trata-se de um momento de ascensão da Europa e de seus Estados como os mais poderosos do globo terrestre. A partir da Europa, uma série de mudanças ocorrerá em diferentes esferas das sociedades.

ATIVIDADES

A partir do que foi visto nesta aula, escreva por quais motivos podemos afirmar que a Idade Moderna envolve um tempo de transições.



COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

A Idade Moderna foi um período de transições por todas as alterações nela vivenciadas. Ele possui uma periodização variável (os manuais de História indicam momentos diferentes para o seu início e o seu término), mas percebe-se que o cerne das suas transformações está entre os séculos XV e XVIII.

AUTOAVALIAÇÃO

Esta atividade exigirá do aluno algo básico para um historiador: a capacidade de síntese. O texto desta aula inicial oferece informações diferenciadas. Ao se esforçar para condensar aquilo que foi dito na aula em poucas linhas, o aluno exercita a capacidade de criticar e estabelecer um sentido ao que foi lido. Por isto, é importante que haja bastante atenção na confecção desta atividade. Ela, inclusive, será fundamental quando for necessário realizar uma revisão ou preparar um texto sobre o assunto.

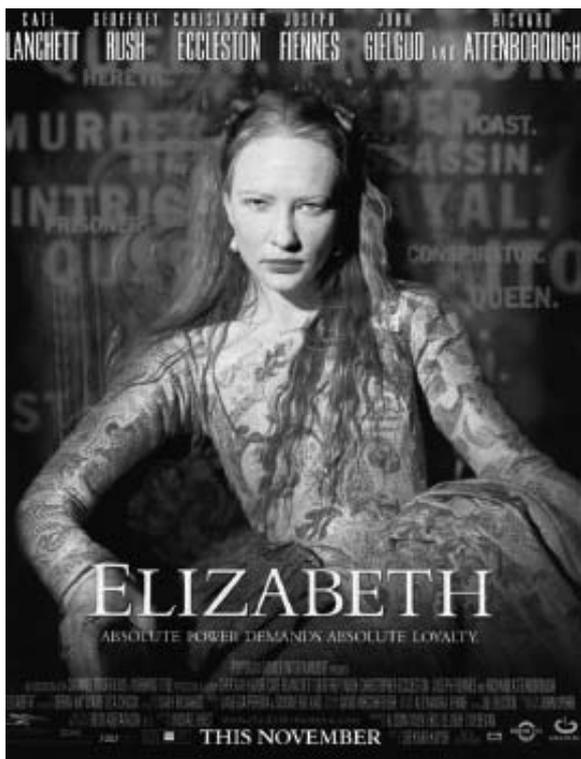


FILMOGRAFIA RECOMENDADA

BESSON, Luc. **Joana D'Arc**. França, 1999. 124 min.
Sinopse: Em meio à Guerra dos Cem Anos nasce Joana D'Arc (Milla Jovovich). Muito religiosa, ao crescer ela acredita ter a missão de libertar seu país da dominação inglesa. Assim, com 19 anos, Joana liderará o exército francês contra os inimigos. Suas vitórias como guerreira, entretanto, não a livrarão de um destino cruel. **Observações:** O filme enfoca acontecimentos importantes na história da Guerra dos Cem Anos. Joana D'Arc (1412-1430), iletrada, mística e apaixonada por sua terra, é representada como uma mulher que beira a loucura. O filme pode despertar debates sobre o poder da fé e da religiosidade na formação de um povo. A retomada de Reims por Joana, a fragilidade da figura real e as manipulações em torno desta personagem também podem ser exploradas através desta película.



Capa do DVD do filme *Joana D'Arc*.
(Fonte: <http://www.sebodomessias.com.br>).



Capa do DVD do filme *Elizabeth*.

(Fonte: <http://movieobserver.files.wordpress.com>).

KAPUR, Shekhar. **Elizabeth**. Inglaterra, 1998. EUA, 125min. **Sinopse:** Com a morte de Maria, Elizabeth é coroada rainha da Inglaterra. Seu país encontra-se com dificuldades financeiras, seus inimigos não acreditam na capacidade da nova soberana em realizar as mudanças necessárias no reino dividido entre a fé católica e a protestante. Elizabeth enfrentará intrigas palacianas, as inquietações e os problemas ligados ao campo religioso. **Observações:** O filme enfatiza o desempenho dos espanhóis no sentido de estabelecer uma ligação política entre as coroas espanhola e inglesa. Pode ser utilizado para abordarmos as práticas que caracterizam o Estado absolutista. As representações existentes no filme buscam evidenciar a ritualística da corte.

REFERÊNCIAS

- BERUTTI, Flávio, FARIA, Ricardo, MARQUES, Adhemar. Conceito de modernidade. In: História Moderna através de textos. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2003 (Coleção textos e documentos, 3), p. 9-21.
- FALCON, Francisco José Calazans, RODRIGUES, Antônio Edmilson M. Rodrigues. Tempos Modernos: ensaios de história cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- HARMAN, P.M. A Revolução Científica. Trad. Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1995. (Série Princípios).
- McEVEDY, Colin. Atlas de História Moderna (até 1815). Trad. Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- REZENDE, Cyro. Sistema econômico comercial. In: História Econômica Geral. 3 ed. São Paulo: Contexto, 1997, p. 67-86.
- ROTTERDAM, Erasmo. De Pueris (Dos Meninos)/A Civilidade Pueril. São Paulo: Escala, S/D.
- SHAKESPEARE, William. Hamlet. Trad. Adriana J. Buarque. São Paulo: Universo Livros, 2007.